



## **DESBORDANDO LA CANCHA AFICIONES, MERCADOS Y MEDIOS**



## **Ni la Copa de las copas ni catástrofe total. Mundial, medios de comunicación y sociedad. Una mirada a tres meses de Brasil 2014<sup>1</sup>**

### ***Neither Cup of Cups, nor total catastrophe. World Cup, media and society. A look three months after Brazil 2014***

**Rafael Fortes<sup>2</sup>**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

#### **Resumo**

O texto realiza uma análise de alguns aspectos relativos à organização e à realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Para tanto, se divide em quatro seções. As três primeiras abordam elementos econômicos, políticos e esportivos deste megaevento esportivo. A seção final discute os papéis desempenhados pelos meios de comunicação antes, durante e depois da Copa.

**Palavras-chave:** Copa do Mundo de 2014; Brasil; futebol; política; economia.

#### **Abstract**

The text makes an analysis of some aspects of the organization and hosting of the 2014 World Cup in Brazil. In order to do so, it is divided into four sections. The first three deal with economic, political and sporting aspects of this sporting mega-event. The final section addresses the roles played by the media before, during and after the World Cup.

**Keywords:** 2014 World Cup; Brazil; football (soccer); politics; economy.

Recibido: 18 de octubre de 2014  
Aceptado: 14 de noviembre de 2014

#### **Introdução**

Gostaria de começar me referindo a um livro de um historiador brasileiro especialista no período da ditadura civil-militar mais recente (1964-1985), Carlos Fico (1997).<sup>3</sup>

Fico argumenta que, historicamente, constituíram-se uma “visão otimista” e outra, “pessimista”:

*De fato, é possível detectar a existência de um conflito secular entre duas perspectivas, duas visões sobre o Brasil. Para uma delas, viveríamos numa terra abençoada – um país exuberante, rico, grandioso, que*

1 Este texto é uma versão resumida da conferência realizada em outubro de 2014 no Seminário Internacional: “¿Y después del Mundial qué? Lecturas de la Copa de Brasil. Una mirada desde América Latina”. Agradeço a David Quiján e à Universidad Nacional Abierta y a Distancia pelo convite. Mantive o título sugerido pelos organizadores e o caráter coloquial, fazendo apenas alguns ajustes.

2 Professor do Departamento de Ciências Sociais e coordenador do Laboratório de Comunicação e História (Lachi – www.lachi.com.br). Atua no corpo permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador do Sport: Laboratório de História do Esporte do Lazer e editor-executivo de *Recorde: Revista de História do Esporte*. Contato: raffortes@hotmail.com

3 Agradeço a Luiz Carlos Sant’Ana por chamar minha atenção para este livro.

*só poderia inspirar sentimentos esperançosos quanto ao seu futuro, certamente positivo. Para a outra, nossa triste sorte seria explicada por deficiências estruturais diversas, não restando muito mais que uma expectativa céptica e pessimista quanto ao nosso possível futuro (Fico, 1997, p. 22).*

Uma lista de motivos pelos quais a perspectiva otimista vê o Brasil desta maneira inclui: natureza exuberante; subsolo rico; clima ameno; mistura de povos (ou raças); grandiosidade e unidade territorial e lingüística, ausência de preconceito racial, carnaval.

Por outro lado, segundo este autor, também é possível identificar três notáveis “recorrências, no plano das ideias, que sempre atormentaram intelectuais do país” (...):

*a noção de que umas tantas ‘correções de rota’ seriam suficientes para pôr o Brasil no caminho certo; a ideia de ‘crise moral’, isto é, de que nossos problemas decorrem da frágil personalidade dos indivíduos que compõem a sociedade e, finalmente, a preocupação com a ‘imagem externa’ nacional, vale dizer, a inquietação com aquilo que de nós pensam as sociedades de outros países (Fico, 1997, p. 38).*

Reiterando as palavras do autor, temos, em primeiro lugar, a noção de que *mudanças de rota* são suficientes para pôr o país nos eixos. De acordo com o autor, isto pode se manifestar através da escolha de um tema como a panaceia do momento, desde mudar o hino ou a bandeira nacional até a exigência de “sacrifícios” no presente sob a alegação de que são necessários para uma vida melhor no futuro.

Segundo, a ideia de *fraqueza moral*, ou seja, de que os problemas do país decorrem de características da personalidade dos indivíduos. Desta maneira, “razões sociais complexas transmutam-se em degenerescências de caráter, de personalidade, entendidas portanto de maneira abusivamente generalizada – já que, via de regra, é ‘o brasileiro’ quem sofre de tais desvios” (p. 43). Ainda de

acordo com Fico, “o recurso à noção de crise moral como explicação para os problemas brasileiros é uma forma tanto de isolá-los de seu contexto político, social e econômico, quanto de justificar a necessidade de uma ‘ampla reforma moral’ (...)” (p. 45). Entre as possíveis explicações que o autor apresenta para a existência e força desta visão estão os “preconceitos arraigados da elite contra as camadas populares” (p. 43).

Terceiro, a intensa preocupação com o que os estrangeiros pensam do país e dos brasileiros. De acordo com Fico, “a preocupação com a imagem do Brasil no exterior é uma das principais fontes de alimentação da tradição do pessimismo no Brasil” (p. 45).

Autores não acadêmicos também criaram chaves explicativas para como o Brasil lida consigo mesmo. Nelson Rodrigues, um dos maiores dramaturgos brasileiros e também um importante jornalista esportivo entre os anos 1940-1970, referia-se ao complexo de inferioridade que enxergava nos brasileiros como “complexo de vira-latas”.<sup>4</sup> A expressão se referia ao pessimismo com relação à qualidade do futebol brasileiro e ao desempenho da seleção nacional antes da primeira conquista de Copa do Mundo, em 1958. Nelson Rodrigues era um crítico feroz desta visão pessimista e afirmava que o futebol brasileiro tinha grande qualidade e não ficava a dever a nenhum outro praticado no mundo.<sup>5</sup>

Por que estou falando destas três recorrências? Porque creio que elas servem com uma chave de leitura para entender muito do que se falou sobre a Copa do Mundo – antes, durante e depois da competição. Aliás, as três recorrências podem ser identificadas também nas campanhas eleitorais para a presidência da República realizadas nas últimas décadas no Brasil.<sup>6</sup>

4 Vira-lata é o termo usado no Rio de Janeiro (e em outros lugares do Brasil) para denominar os cachorros que vivem na rua, revirando lixo em busca de comida.

5 Ver, por exemplo, as crônicas e colunas reunidas em livros como Rodrigues (1993, 1994, 2007). Para uma entre diversas análises dos escritos de Nelson Rodrigues sobre o esporte, ver Capraro, Santos e Lise (2012).

6 A conferência foi proferida durante a última semana do

As próximas seções do texto abordam quatro temas: aspectos econômicos, políticos e esportivos relativos à realização da Copa do Mundo de 2014; e, por fim, os papéis desempenhados pelos meios de comunicação.

### Econômico

O primeiro aspecto que eu gostaria de destacar foi o imenso dispêndio de dinheiro público com estádios, obras de infraestrutura e outros itens. Para se ter uma noção da dimensão do problema, recomendo a leitura da obra organizada por Paula e Bartelt (2014), que dá a conhecer o caso brasileiro, mas também apresenta parâmetros para compará-lo com o dos países que sediaram o torneio em 2010 e 2006.

Tal como nos Jogos Pan-americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro, os gastos superaram em muitas vezes o orçamento inicial. Além disso, na época do lançamento da candidatura do Brasil para sediar a Copa, autoridades políticas e esportivas afirmaram que o torneio seria financiado por recursos privados. No entanto, praticamente todos os custos relativos a estádios, desenvolvimento do turismo e mobilidade foram pagos com dinheiro público.

A maior parte do financiamento dos três estádios privados (em Curitiba, São Paulo e Porto Alegre) também veio de dinheiro público.<sup>7</sup>

O segundo aspecto corresponde a dois pontos particularmente problemáticos, e que não receberam nem recebem a atenção devida dos meios de comunicação:

a) Foram construídos estádios sem perspectiva de uso constante. Refiro-me aos de Manaus e

segundo turno da campanha presidencial brasileira de 2014.

7 Para informações sobre os custos de construção dos estádios e as fontes dos recursos, ver: Em nome da Copa, UOL, jun. 2014. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/infograficos/2014/em-nome-da-copa>>. Acesso em 17 out. 2014. BORGES, Lucas. O legado da Copa: o que será dos 12 estádios usados no Mundial. *Espn.com.br*, 15 jul. 2014. Disponível em: <[http://espn.uol.com.br/noticia/425068\\_o-legado-da-copa-o-que-sera-dos-12-estadios-usados-no-mundial](http://espn.uol.com.br/noticia/425068_o-legado-da-copa-o-que-sera-dos-12-estadios-usados-no-mundial)>. Acesso em 17 out. 2014.

Brasília, municípios que em 2014 não contavam com times nas três primeiras divisões do Campeonato Brasileiro; e Cuiabá, com um time na terceira divisão. Estas cidades tampouco fazem parte do circuito de grandes atrações do *showbizz* internacional (como Madonna, Paul McCartney, Justin Bieber, Metallica e Rolling Stones), quando elas se apresentam no Brasil.

Segundo dados do portal UOL,

*O Mané Garrincha, estádio que custou R\$ 1,9 bilhão, teve um resultado operacional de R\$ 1,371 milhão no primeiro ano de funcionamento. Nesse ritmo, levaria mais de mil anos para recuperar o valor investido. O Campeonato Amazonense de 2014 teve um total de 37.862 pagantes, número que seria insuficiente para lotar a Arena Amazônia, que comporta 42.300 pessoas. Já a Arena Pantanal, sediada em Cuiabá, deve ter jogos do Campeonato Mato-Grossense de 2015, mas só porque haverá subsídio do Estado.<sup>8</sup>*

b) Os custos de construção dos estádios *não estão pagos*. Quer dizer, foram pagos, mas com dinheiro emprestado. A maior parte da verba foi emprestada pelo Governo Federal (através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, BNDES).

Cabe perguntar: quem pegou emprestado? Via de regra, prefeituras municipais e governos estaduais, que usaram os recursos para pagar a construção ou reforma pelas empreiteiras e depois... privatizaram os estádios, entregando-os para... as próprias empreiteiras!

Nos próximos anos e décadas, enquanto as empreiteiras/consórcios exploram os estádios e lucram com eles, as prefeituras e governos estaduais pagarão as dívidas, drenando para o governo federal recursos que poderiam ser utilizados para garantir direitos da população. Isto na hipótese de pagarem, claro.

8 Promessas não cumpridas. Em nome da Copa, UOL, jun. 2014. Disponível em: <<http://copadomundo.uol.com.br/infograficos/2014/em-nome-da-copa>>. Acesso em 17 out. 2014.

Em alguns casos, como o do Itaquerão, o consórcio que recebeu a concessão para explorar o estádio por décadas está associado ao clube que se diz “proprietário”, embora juridicamente nem sempre o seja.<sup>9</sup> Outro exemplo de uso de dinheiro público para garantir lucros privados ocorreu em Pernambuco.<sup>10</sup>

A justificativa oficial para a privatização é economizar os recursos públicos que seriam gastos com manutenção. Contudo, esse custo é muito inferior ao despendido com as obras – só a do Maracanã superou R\$ 1 bilhão –, e seria compensado com as receitas advindas da exploração comercial, ao menos nas cidades com times grandes e que fazem parte do circuito do *showbizz* internacional. Tal administração estatal seria uma forma de fazer retornar aos cofres públicos parte do valor dispendido nas obras. No entanto, o estranho modelo de privatização à brasileira funciona assim: durante o período das obras, quando só há gastos e o estádio fica fechado, a responsabilidade é do Estado. Com a inauguração – quando se reduzem drasticamente os gastos e começam a entrar as receitas –, a administração passa para grupos privados. Primeiro, a Fifa. Depois, os consórcios encabeçados por empreiteiras.

Por outro lado, raras obras de infraestrutura necessárias à garantia de direitos da população, como as relativas ao transporte de massa, ficaram prontas. Os maiores investimentos foram em corredores de ônibus, que melhoram pouco o trânsito caótico das grandes cidades brasileiras. Os principais aeroportos receberam reformas que custaram dezenas de milhões de reais nos

9 O clube se diz “proprietário” mas, segundo o jornalista Rodrigo Mattos, o contrato assinado pode vir a excluí-lo da administração do estádio. MATTOS, Rodrigo. Por contrato, Caixa controla Itaquerão e pode excluir Corinthians. *Blog do Rodrigo Mattos*, 2 abr. 2014. Disponível em: <<http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2014/04/02/por-contrato-caixa-controla-itaquero-e-pode-excluir-corinthians>>. Acesso em 2 nov. 2014.

10 SEGALLA, Vinícius. Governo de PE usará dinheiro público para garantir lucro de consórcio com estádio por 30 anos. *Blog do Vinícius Segalla*, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://viniciusegalla.blogosfera.uol.com.br/2013/08/13/governo-de-pe-usara-dinheiro-publico-para-garantir-lucro-de-consorcio-com-estadio-por-30-anos>>. Acesso em 17 out. 2014.

últimos anos, e depois foram privatizados. A dinâmica assemelha-se à dos estádios: primeiro, gasta-se dinheiro público para arrumar. Depois, privatiza-se para que os lucros fiquem com a iniciativa privada.

Na medida em que ainda não foram publicados estudos científicos confiáveis sobre os resultados econômicos da Copa, nem foram divulgados números oficiais e/ou confiáveis pelo governo brasileiro ou pela Fifa,<sup>11</sup> recorri a um conjunto de reportagens, dossiês e relatórios, especialmente da imprensa brasileira, para preparar esta análise.

Segundo elas, o impacto da Copa sobre o total da economia brasileira em 2014 será próximo de zero, ou até negativo.<sup>12</sup> Os grandes ganhos de setores ligados ao lazer e ao turismo (hotéis, bares e restaurantes; fabricantes de cerveja e de televisores) são compensados pelo retrocesso na produção industrial, inclusive por causa dos feriados decretados durante o período.

Os discursos que defendem este modelo de megaeventos como positivo para a economia que os recebe falam muito em retorno financeiro, mas vale lembrar que a Fifa recebeu do governo brasileiro isenção de impostos no período 2010-2014. Boa parte dos produtos e serviços relativos às obras, sobretudo quando envolveram as empreiteiras, também foram isentos de tributos.

Isto quer dizer que uma das vantagens da realização de gastos pelo Estado para a economia

11 O documento “Os números da Copa do Mundo da Fifa”, divulgado pela entidade, não inclui o balanço financeiro do evento. Disponível em: <[http://resources.fifa.com/mm/document/tournament/competition/02/44/29/89/fifaworldcupinnumbers\\_120714\\_v7\\_por\\_portuguese.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/tournament/competition/02/44/29/89/fifaworldcupinnumbers_120714_v7_por_portuguese.pdf)>. Acesso em 17 out. 2014.

12 MACEDO, Danilo; LISBOA, Vinicius. Para economistas, Copa do Mundo e atrasos em concessões derrubaram PIB. *Agência Brasil*, 29 ago. 2014. COSTAS, Ruth. Afinal, foi a Copa que derrubou a economia? *BBC Brasil*, 29 ago. 2014. ALVARENGA, Daniel. Veja quem ganhou e quem perdeu com a Copa na economia. *G1*, São Paulo, 15 jul. 2014. Disponíveis, respectivamente, em: <<http://agenciabrasil.etc.com.br/economia/noticia/2014-08/para-economistas-copa-do-mundo-e-atrasos-em-concessoes-derrubaram-pib>>, <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140821\\_pib\\_brasil\\_ru](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/08/140821_pib_brasil_ru)>, <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/07/veja-quem-ganhou-e-quem-perdeu-com-copa-na-economia.html>>. Acesso em 17 out. 2014.

como um todo – parte do dinheiro retornar aos cofres via cobrança de impostos – não ocorreu com muito do dinheiro investido no mundial. A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro já assegurou a mesma dinâmica para os Jogos Olímpicos de 2016.

Em setembro de 2014, o então ministro do Turismo Vinicius Lages sustentava que os impactos econômicos da ampliação do turismo internacional serão sentidos no médio e no longo prazo, e que, portanto, não se mede os resultados econômicos de um evento como a Copa do Mundo apenas no curto prazo. Se ele tem razão, só o tempo dirá.<sup>13</sup>

### Político

No plano político, a Copa do Mundo – antes, durante e depois – foi mobilizada pelo governo federal como uma tentativa de mostrar sua competência e obter popularidade. No caso do Governo Lula (2003-2010), as decisões da FIFA e do COI com relação às sedes da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016 foram celebradas como evidências da nova posição do país no concerto das nações. Este uso político também aconteceu nas esferas estadual e municipal, nos estados e municípios que receberam jogos da Copa (assim como em municípios que receberam as seleções durante o período de preparação e/ou durante o torneio). Vários destes estados e municípios são governados por partidos de oposição ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT).

Já as principais empresas e veículos de comunicação – quase todos de direita e de oposição aos governos Dilma e Lula – trataram a preparação para a Copa como uma oportunidade de desgastar o governo petista. A mídia hegemônica criticava os problemas estruturais do Brasil, a falta de investimento público para

garantir direitos básicos da população (como saúde e educação), as obras superfaturadas e o desvio de dinheiro público para a corrupção.

Criticava os problemas estruturais do Brasil – que devem mesmo ser criticados. O que não criticava, o que não dizia, o que ocultava, era que estes problemas foram resultado de décadas de governos de direita e de intenso uso do Estado para favorecer os ricos e poderosos. O que não criticava, o que não dizia, o que ocultava, era que este modelo de megaevento esportivo – proposto por uma organização multinacional (a Fifa) que detém o monopólio privado de exploração de um bem público que é o futebol – não ajuda e não pode ajudar a reduzir desigualdades e criar sociedades mais justas em lugar algum. O que não dizia, o que ocultava, o que não queria lembrar é que a candidatura do Brasil para sediar o evento, e a decisão da Fifa de realizar nele o Mundial de 2014, foram celebradas euforicamente nos espaços jornalísticos destas mesmas corporações de mídia.

A mídia hegemônica criticava a falta de recursos públicos para garantir direitos básicos da população como saúde e educação. O que não criticava, o que não dizia, o que ocultava era que o jornalismo praticado por ela própria defende, diariamente, os cortes de investimentos públicos, a privatização de empresas e serviços estatais (inclusive a privatização de saúde e educação,<sup>14</sup> que obriga a população a pagar por direitos que o Estado deveria garantir), o aumento das taxas de juros, a redução do número de funcionários públicos e o congelamento de seus salários. Ou seja, todos os dias o jornalismo destas empresas advoga um *Estado mínimo* quando se trata de assegurar direitos da população e usar recursos

<sup>13</sup> Chama a atenção em seu discurso o olhar neoliberal em relação ao evento e ao turismo. Mídia internacional abre espaço para o sucesso da Copa do Mundo. *Blog do Planalto*, 8 set. 2014. Disponível em: <<http://blog.planalto.gov.br/midia-internacional-abre-espaco-para-sucesso-da-copa-do-mundo>>. Acesso em 17 out. 2014.

<sup>14</sup> A privatização de ambos os setores avançou de forma avassaladora durante os governos do PT (2003 em diante), consistindo em uma das numerosas continuidades em relação à política neoliberal do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que governou o país no período 1995-2002. O crescimento dos planos de saúde privados e do número de matrículas no ensino superior privado, bem como a péssima qualidade dos serviços prestados pela maioria das empresas de ambos os setores, são dois dos muitos elementos que evidenciam esta privatização, bem como suas nefastas consequências.

públicos para reduzir desigualdade. Dados da Auditoria Cidadã da Dívida informavam que, até 11/9/2014, o governo federal gastara R\$ 825 bilhões com pagamento de juros e serviços da dívida pública. Isto equivale a 51% do orçamento daquele ano executado até a data.<sup>15</sup> Este escândalo se repete todos os anos, sem destaque em qualquer dos principais veículos de comunicação brasileiros. Afinal, trata-se de transferir o dinheiro arrecadado com impostos para as mãos da classe dominante, em especial do setor financeiro. Enquanto isto, os investimentos em educação previstos no Orçamento Geral da União (que é o orçamento do governo federal brasileiro) para 2014 somam 3,5%<sup>16</sup>. De acordo com Helene (2013), “o Brasil tem aplicado em educação pública, nas últimas décadas, valores que variaram entre não muito mais do que 2% até perto de 5% do PIB” (p. 71).

As corporações de mídia criticavam as obras superfaturadas e os desvios de dinheiro público para a corrupção. O que não criticavam, o que não diziam, o que ocultavam, era que tais práticas seriam idênticas, fosse outro partido grande governando o país durante a realização da Copa do Mundo. Aliás, em muitos estados e municípios onde houve gastos para a Copa, o prefeito ou o governador pertencia aos partidos da oposição de direita, e a maneira de conduzir as obras e desperdiçar dinheiro público foi idêntica. Ou seja, tratou-se um problema estrutural e histórico do país como se apenas uma *mudança de rota* – uma das recorrências de que falei no início – fosse suficiente para resolvê-lo. Como se se tratasse apenas de falta de vontade dos governantes, ou um problema específico do partido que ocupa a presidência da República.

Até a partida semifinal contra a Alemanha, havia quem perguntasse: se o Brasil fosse campeão, a reeleição de Dilma Rousseff seria facilitada? Da

15 Disponível em: <<http://www.auditoriacidada.org.br>>. Acesso em 14 out. 2014.

16 Disponível em: <<http://www.auditoriacidada.org.br/e-por-direitos-auditoria-da-divida-ja-confira-o-grafico-do-orcamento-de-2012>>. Acesso em 17 out. 2014.

mesma forma, houve muita discussão após a derrota acachapante. Iria o resultado prejudicar a reeleição? Tais opiniões, dadas por jornalistas esportivos e por aqueles acostumados a cobrir outros assuntos, baseavam-se em uma velha premissa do senso comum: a crença de que vitórias favorecem o partido que está à frente do Poder Executivo e derrotas, as oposições. Como é típico do senso comum, as afirmações se mantêm inabaláveis ao longo do tempo, não importando o número de vezes que se revelem erradas. Em 2002, a seleção brasileira foi campeã mundial na Ásia e o PSDB do então presidente Fernando Henrique Cardoso perdeu a eleição para o PT. Em 2006, o Brasil foi eliminado nas quartas-de-final, mas Lula reelegeu-se presidente. Em 2010, nova derrota da seleção nas quartas de final, mas Dilma Rousseff obteve a vitória, com o PT caminhando para 12 anos no poder.

Ainda no plano político, chama a atenção que a Copa do Mundo pouco tenha sido debatida nos meses que a sucederam. Na campanha eleitoral, por exemplo, a organização do evento não foi um tema. Nenhum dos dados positivos que o governo Dilma insistiu em apresentar antes e durante o Mundial foi usado na campanha da situação, assim como nenhuma das denúncias e críticas de mau uso de recursos públicos apareceu nas campanhas da oposição, exceto nas dos pequenos partidos da extrema esquerda, que em geral conquistam poucos votos.

Este silêncio sugere que a organização dos megaeventos de fato foi tratada como uma questão de Estado e suprapartidária. Este consenso, bastante raro no Brasil, infelizmente aconteceu em relação a gastos públicos realizados da maneira que aponte. Duvido que encontrássemos tal consenso caso se tratasse de investimentos de bilhões de reais em saúde, educação, reforma agrária ou saneamento básico. O tratamento do assunto nos mostra também a incrível capacidade de mobilização do esporte na sociedade contemporânea, superando disputas de partidos, convicções ideológicas e posições políticas.



## Esportivo

No âmbito esportivo, destaco dois aspectos: a organização do futebol no país e as conseqüências para o esporte de alto rendimento.

### Administração do futebol brasileiro

Após a derrota para a seleção alemã, subitamente as atenções se voltaram para os problemas do futebol brasileiro. No clima de irritação com o resultado, falou-se muita besteira, principalmente no âmbito do jornalismo esportivo. Vários jornalistas afirmaram que o principal problema da seleção era que a maioria dos jogadores atuavam no exterior – ignorando exemplos óbvios de equipes que os mesmos profissionais de imprensa consideravam bem-sucedidas na Copa, como Holanda e Argentina. A maioria dos atletas de ambas também atuava no exterior. Por aí, já se pode ter uma idéia do baixo nível das críticas e comentários realizados pela imprensa esportiva brasileira. Estou falando de jornalistas que acompanham futebol o ano inteiro, e se dedicam a isso como profissão, mas são incapazes de notar que, fora Alemanha, Itália, Espanha e Inglaterra, a maioria dos bons jogadores de *quase todas as seleções do mundo* joga fora dos seus respectivos países.

Bom, os problemas do futebol brasileiro são muitos e todos os envolvidos com ele os conhecem bem. Faltam os espaços políticos para discuti-los com maturidade e os meios para tomar as atitudes necessárias. Todos sabem também que uma mudança não acontece de uma hora pra outra. Houve muita gente celebrando a tragédia – os 7x1 contra a Alemanha – como uma excelente notícia, um ponto de virada a partir do qual o futebol brasileiro iria começar a se reestruturar. Obviamente, nada disso aconteceu até o momento, nem há indícios de que ocorrerá, ao menos a curto e médio prazo.

Uma das primeiras providências da Confederação Brasileira de Futebol foi contratar, como coordenador de todas as seleções – inclusive as de base – um empresário de jogadores de

futebol.<sup>17</sup> Outra foi recrutar um técnico que só treinou duas equipes: o Internacional de Porto Alegre (por menos de um ano) e a própria seleção brasileira, no ciclo da Copa de 2010.<sup>18</sup> Estas medidas, nada alvissareiras, indicam a manutenção do *status quo*.

### Esporte de alto rendimento

Há doze estádios novos ou reformados para a prática do futebol. Alguns com instalações melhores e mais confortáveis do que as anteriores. Em outros, instalações menos adequadas à realidade do futebol brasileiro, como no caso do Maracanã, cuja reforma criou muitos problemas. Cito dois:

- 1) A estrutura de portões e rampas de acesso externo e de distribuição interna do público foi feita *para os jogos da Copa*, em que os assentos são marcados e não há separação de torcidas. Ou seja, uma estrutura inadequada *para todas as demais partidas* (considerando que a seleção brasileira quase nunca joga no Rio).
- 2) A capacidade do estádio foi reduzida em alguns milhares de lugares.<sup>19</sup> Ou seja, agora, nos jogos de maior público, é mais difícil conseguir comprar ingresso, menos torcedores conseguem assistir aos jogos.

Algumas obras da Copa chegaram a prejudicaram outros esportes. O melhor exemplo, mais uma vez, é o Maracanã: a reforma acabou com o Estádio Célio de Barros, que, durante décadas, foi um dos principais centros de treinamento e competições de atletismo da cidade.

17 Gilmar Rinaldi assume o cargo de coordenador de seleções da CBF. *Folha de S. Paulo*, 17 jul. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/07/1487243-gilmar-rinaldi-assume-o-cargo-de-coordenador-de-selecoes-da-cbf.shtml>>. Acesso em 5 nov. 2014.

18 GOMES, Julio; MENDONÇA, Renata. Dunga volta e promete mudar postura dele e da seleção, mas não o futebol. *BBC Brasil*, 22 jul. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/07/140722\\_dunga\\_retorno\\_redencao\\_rm](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/07/140722_dunga_retorno_redencao_rm)>. Acesso em 5 nov. 2014.

19 Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/destination/stadiums/stadium=214>>. Acesso em 5 nov. 2014.

## Meios de comunicação<sup>50</sup>

No Brasil, os principais grupos e empresas de comunicação se posicionam à direita no plano político. Todos fazem oposição ao governo Dilma Rousseff (PT), assim como fizeram durante a maior parte dos oito anos de governo de Lula, do mesmo partido. Cerca de 10 famílias controlam os principais conglomerados de mídia, formados por redes e emissoras de rádio e de televisão, editoras de revistas, jornais diários e ainda boa parte dos sites e portais de notícias e entretenimento mais visitados da internet brasileira, bem como outras empresas e negócios.

Trata-se de uma oposição de direita com notável força e com capacidade de pautar com frequência os temas e questões que são discutidos no dia-a-dia da sociedade brasileira. Em muitos momentos, estes veículos de comunicação portam-se como líderes políticos da oposição, exercendo tal papel de forma mais organizada e contundente que os próprios partidos e dirigentes políticos de direita.

Antes da Copa, como já dito, havia um esforço ambíguo dos meios de comunicação. Por um lado, criticavam o governo federal em tudo que fosse possível – incluindo a organização –, mas, por outro lado, tinham uma preocupação comercial com o sucesso do torneio, do ponto de vista da audiência, especialmente nas emissoras de televisão e rádio. O objetivo parecia ser manter o produto Copa do Mundo valorizado – pois era preciso disputar a atenção de telespectadores e ouvintes –, mas fazendo o possível para desgastar o governo por problemas ligados à preparação.

Em linhas gerais, parece-me que o jornalismo esportivo priorizou promover o evento em si e seus aspectos positivos,<sup>2021</sup> enquanto outras

<sup>20</sup> Existem jornalistas que, com certa frequência, abordam criticamente aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais do esporte, assim como veículos que abrem (um pouco de) espaço para que este trabalho seja feito. Isto, contudo, não significa que a postura crítica seja majoritária, nem constante. No eixo RJ-SP, é possível citar: *Folha de S. Paulo* (jornal diário), *ESPN Brasil* (canal de TV paga) e o portal UOL. Entre os jornalistas, entre outros: Lúcio de Castro, Rodrigo Mattos, Juca

editorias se preocupavam em criticar o governo por causa dos atrasos nos estádios e na infraestrutura de transportes. Nestes momentos de campanha intensa, em que uma mobilização toma conta dos meios, é comum que os discursos jornalísticos e publicitários se confundam (Fortes, 2004). Uma tarefa nem sempre fácil, pois se tratava de estimular o engajamento da população com a Copa, impulsionar o consumo e a euforia, mas também de usar o mesmo assunto para criticar o governo.

Às vezes, numa mesma semana, as reportagens dos telejornais esportivos destacavam o avanço das obras, num tom animado, ao passo que os não-esportivos noticiavam o atraso das mesmas obras, mostrando preocupação e dúvida em relação ao cumprimento do que fora prometido (isto é, que o evento seria um sucesso e os estádios ficariam prontos com meses de antecedência).

Iniciada a competição, esta postura mudou um pouco. Reduziram-se as críticas e aumentou a ênfase nos aspectos esportivos e competitivos.

Além disso, foram aparecendo evidências de que não ocorrera a *catástrofe* esperada por setores da classe dominante, da classe média-alta e de sua porta-voz, a mídia hegemônica. Pelo contrário: a infra-estrutura do país, mesmo ruim, se mostrou suficiente para a realização do Mundial – evidentemente foram tomadas medidas para isto, como esvaziar aeroportos (suspendendo vôos regulares) e ruas (limitando/proibindo a circulação de pessoas em certas áreas e decretando feriados).

A população, que conta com índices vergonhosos de instrução formal – mesmo se comparada com países latino-americanos com economia e capacidade de investimento inferiores às do Brasil (Helene, 2013) –, foi capaz de receber de forma adequada os turistas estrangeiros.

Houve brigas, assaltos, confusões, cenas de desrespeito? Claro que houve, dentro e fora dos estádios. Mas, de uma maneira geral, as

coisas pareceram correr muito mais tranqüilas do que se esperava. Principalmente *do que os meios de comunicação esperavam*, pois passaram anos anunciando a incapacidade do país e de seu povo de receber e se comportar adequadamente frente aos olhos do mundo (o que nos faz retomar as recorrências do livro de Carlos Fico). Como nada disso se mostrou verdadeiro, e aparentemente os olhos da imprensa estrangeira (mais importante) e do público que veio ao país para a Copa (menos importante) aprovavam o que viam, a imprensa encheu-se de orgulho, e descobriu motivos para celebrar o país, o povo brasileiro e a Copa no Brasil. *Para celebrar o governo federal, não*. Esta previsão de catástrofe feita pelos meios de comunicação levou a um discurso midiático de “surpresa” quando, começada a Copa, chegaram à conclusão de que as coisas *deram certo*, de que o povo brasileiro tratava bem os visitantes estrangeiros, soube receber os turistas de maneira adequada etc.

O jornalismo esportivo entrou completamente no clima de oba-oba, *esquecendo-se* de todos os problemas anteriores ao campeonato. Importava obter audiência a qualquer custo. Para isto, a Copa foi promovida como um evento de sucesso, *maravilhoso*, sobre o qual só se falavam coisas boas. O Brasil saiu de uma posição de inferioridade para o extremo oposto: um país que encanta o mundo por suas características, e cujo Mundial impressionou pela qualidade da partidas e pela quantidade de gols. De acordo com este discurso, é como se, através de mágica, as características do mítico *futebol brasileiro* houvessem contaminado os jogadores das trinta e uma seleções, que passaram a jogar bonito, de maneira ofensiva e fazendo muitos gols, algo raro em Copas. Surgiram comparações com Copas “feias” ou “mediócras”, como as de 1990 e 1994.

Para finalizar, duas observações: pouco se noticiou problemas macro relativos à circulação de turistas, tanto estrangeiros quanto brasileiros. Como a cobertura jornalística praticamente se limitava a repetir que havia muitos turistas e que

eles consumiam muito, torna-se difícil realizar uma análise abrangente. Tampouco é possível saber se os vôos e aeroportos – um problema crônico do Brasil, há muitos anos – de fato funcionaram perfeitamente; ou se operaram da maneira usual, com a diferença de que a imprensa deixou de falar no assunto porque a Copa, de tragédia anunciada, se tornara um sucesso.

Segundo, no que diz respeito às reações à derrota da seleção brasileira para a Alemanha, obviamente muitas pessoas sentiram raiva, mas fico com a sensação de que a reação foi muito mais madura que a da imprensa (sobretudo a esportiva). Não houve quebra-quebras ou ondas de agressões aos estrangeiros, nada além de conflitos isolados em Fan Fests e em redes sociais da internet.

## Referencias

- Capraro, A; Santos, N.; LISE, R. “O enredo da vitória: seleção brasileira de futebol e identidade nacional (1950-1970)”. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 5, n. 2, jul.-dez. 2012, p. 1-23. Disponível em: <<http://www.revistas.ufrj.br/index.php/Recorde/article/view/697/640>>. Acesso em 2 nov. 2014.
- Fico, C. (1997). *Reiventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- Fortes, R. *A torcida “precisa e imparcial”: Istoé, Veja e o Plano Cruzado*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. Disponível em: <[http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1157](http://www.bdtd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1157)>. Acesso em 17 nov. 2014.
- Helene, O. (2013) *Um diagnóstico da educação brasileira e de seu financiamento*. Campinas: Autores Associados.

Paula, M. de; BARTELT, D. (orgs.). *Copa para quem e para quê? Um olhar sobre os legados dos mundiais no Brasil, África do Sul e Alemanha*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll Brasil, 2014. Disponível em: <[http://br.boell.org/sites/default/files/copa\\_para\\_quem2\\_web\\_boll\\_brasil.pdf](http://br.boell.org/sites/default/files/copa_para_quem2_web_boll_brasil.pdf)>. Acesso em 17 out. 2014.

Rodrigues, N. (1993). *À sombra das chuteiras imortais - crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rodrigues, N. (1994). *A pátria em chuteiras - novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

Rodrigues, N. (2007). *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir.